

SIMETRIAS E ASSIMETRIAS NA REPRESENTAÇÃO LINGUÍSTICA: O CASO DAS UNIDADES LEXICAIS FORMADAS POR NOMES DE CORES

Claudia ZAVAGLIA¹
Sabrina de Cássia MARTINS²

Resumo: O presente trabalho aborda o universo das cores em relação às singularidades de cada subdomínio cromático. Segundo Arcaini (1991), toda língua natural é caracterizada pelo relativismo cultural e cada sistema linguístico descreve o universo cromático de uma forma única. Para Berlin e Kay (1969), o princípio da relatividade linguística sustenta que cada cultura tem a sua forma de compreender e experienciar a realidade e, portanto, cada língua tem suas próprias particularidades semânticas que a difere das demais. Por conseguinte, o léxico é a representação formal da percepção da realidade, reproduzindo a categorização do conhecimento pelo ser humano. Nesse contexto de diferenças e similaridades, o *Dicionário Multilíngue de Cores (DMC)* tem sido desenvolvido na Universidade Estadual Paulista, campus de São José do Rio Preto, como um projeto multidisciplinar, envolvendo as línguas portuguesa, italiana, inglesa, francesa e espanhola. O objetivo deste estudo é apresentar as simetrias e dissimetrias verificadas nas direções italiano-português-inglês e português-italiano-inglês. Discutiremos dados culturalmente marcados, indicadores de que os casos de simetria são menos dependentes de fatos culturais específicos, ao contrário das dissimetrias que estão relacionadas a especificidades culturais.

Palavras-chave: Nomes de cores. Relativismo Linguístico. Contexto. Comunicação intercultural. Dicionário multilíngue.

Introdução

O léxico é a representação cultural de um povo, pois expressa em palavras toda a vivência adquirida no decorrer da história por uma comunidade (BIDERMAN, 2001). A relação intrínseca entre léxico e cultura caracteriza a complexidade dos estudos na área, já que constantemente novas unidades lexicais são criadas para exprimir nossas ações,

¹ Livre-Docente em Lexicologia e Lexicografia pela Universidade Estadual Paulista, campus de São José do Rio Preto. *E-mail:* zavaglia@ibilce.unesp.br

² Doutoranda pelo Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos pela Universidade Estadual Paulista, campus de São José do Rio Preto. *E-mail:* sabrismartins@gmail.com

pensamentos, fatos cotidianos, novos conceitos técnico-científicos, de modo a entrelaçar língua, cultura, história e sociedade.

O presente trabalho tem como objeto de estudo as unidades lexicais complexas formadas por nomes de cores e está baseado nos dados coletados para a elaboração do *Dicionário Multilíngue de Cores (DMC)*³, um projeto multidisciplinar desenvolvido na Universidade Estadual Paulista (*Campus* de São José do Rio Preto), que abrange as línguas portuguesa, italiana, inglesa, espanhola e francesa. Importa clarificar, porém, que a discussão que segue compreende dados referentes apenas às línguas portuguesa, inglesa e italiana no que tange às correspondências semânticas e estruturais do vocabulário que nos propomos a examinar. Assim, discorreremos sobre o universo das cores em relação às singularidades de cada campo cromático, a fim de sustentar sua dependência com a cultura que representa.

Uma vez entendidos como componentes de um dos diversos subdomínios, ou microsistemas, que compõem o léxico de uma língua, na medida em que contribuem para a categorização das experiências humanas e do mundo concreto, consideramos que o estudo das expressões formadas pelos nomes de cores precisa considerar a complexidade a elas atribuída pelo valor sócio-histórico, cultural e simbólico inerente a sua formação.

Com efeito, é devido a esses valores, particulares a cada cultura, que nos deparamos com as diferenças interlinguísticas e as dificuldades de tradução. Tais diferenças são consolidadas pelo uso que os falantes de uma dada comunidade fazem dessas unidades complexas, refletindo o movimento da sociedade no decorrer no tempo. Sem dúvida, o uso das unidades lexicais, bem como os significados construídos e por ele fixados conduz às escolhas de um indivíduo não apenas na produção discursiva, como também na sua compreensão em contextos determinados (ÁLVAREZ, 2012).

Por conseguinte, para que a comunicação se estabeleça de fato, é preciso que os usuários de uma dada língua desenvolvam habilidades semânticas e pragmáticas, além de conhecimento sobre a história cultural e linguística que os auxiliem não apenas a reconhecer tais unidades, como também a compreendê-las e utilizá-las (COLSON, 2004).

Como explicitado no título deste trabalho, tencionamos apresentar simetrias e assimetrias linguísticas constatadas durante o desenvolvimento do projeto supramencionado. Para tanto, elencamos alguns exemplos de expressões nas línguas de partida da obra (italiano e português) que evidenciam a proximidade da percepção e categorização do universo que circunda os falantes das línguas em análise; em contrapartida, listamos casos de expressões

³ Para maiores detalhes sobre o referido projeto cf. Zavaglia (2006a; 2007) e Zavaglia, C.; Aranha, S.; Zavaglia, A. (2005).

linguísticas que representam realidades culturais particulares de uma dada língua e que, portanto, podem prejudicar a interação entre os pares de falantes que não compartilham da mesma língua materna. Ademais, para as palavras-entrada em que se constata a ausência de correspondentes, explanamos a metodologia adotada para sua inserção no dicionário.

Nas próximas páginas, discorreremos a princípio sobre o Relativismo Linguístico e sua relação com os estudos do léxico, em especial, sobre o subsistema composto por nomes de cores, reforçando sua participação na ampliação lexical; posteriormente, enfatizamos o caráter cultural do léxico, bem como a importância do contexto para a comunicação entre culturas; em seguida, reiteramos o papel das metáforas na construção dessas expressões; por fim, a partir dos dados constatados durante a elaboração do DMC, mencionamos exemplos de simetrias e assimetrias linguísticas nas línguas italiana, portuguesa e inglesa.

Universo lexical e Relativismo Linguístico

Para Berlin e Kay (1969, p. 2), a doutrina predominante dos linguistas e antropólogos americanos do século XX é a da relatividade linguística. Esse preceito, que provém da tese do Relativismo Cultural defendida por Franz Boas, defende que cada língua possui um modo próprio de compilação de suas experiências e, portanto, que cada língua possui uma arbitrariedade semântica em relação a todas as outras línguas. Seus maiores expoentes são Edward Sapir e Benjamin Lee Whorf, para quem a língua falada por um indivíduo influencia a forma como ele percebe a realidade.

Nas palavras de Sapir, duas ou mais línguas não são similares ao ponto de representar a mesma realidade social, pois nossos hábitos linguísticos justificam nossas escolhas de interpretação do mundo. Para Whorf (1956), o sistema linguístico presente nas nossas mentes organiza as impressões que temos do mundo que nos cerca. Em outras palavras, nós o recortamos, organizamos em conceitos e atribuímos significados da forma como o fazemos porque somos parte de um acordo que se solidifica por meio dos nossos discursos e é codificado nos padrões da língua. Além disso, como a língua controla a cognição humana, ela também padroniza sistematicamente as experiências, moldando as ideias e as interações. Assim, os mal-entendidos na comunicação entre culturas ocorrem porque os significados de sistemas linguísticos diversos não convergem.

Em oposição a tal corrente de pensamento, os adeptos do universalismo linguístico, tais como Berlin e Kay (1969), têm sustentado que as diferentes estruturas linguísticas podem se referir a fenômenos sociais em diversas formas, porém descrevendo objetivamente a

mesma realidade externa. Desse modo, as distinções na representação da realidade estariam relacionadas à importância de alguns aspectos da realidade em relação a outros para a cultura em questão e não ao fato propriamente dito de que se trate de realidades diferentes.

Um exemplo da importância dada a alguns aspectos da realidade é a segmentação do espectro cromático. De acordo com o estudo realizado por Berlin e Kay (1969) e relatado no livro *Basic Color Terms: Their Universality and Evolution*, a segmentação das cores apresenta uma correspondência muito grande entre as línguas, fato que demonstra que a categorização cromática não é casual e que os pontos focais dos termos básicos são similares entre os povos. Uma vez que seu objetivo era comprovar a existência de uma base conceitual universal, as questões que fundamentaram a referida pesquisa concentravam-se em torno da segmentação do espectro pelos membros de uma comunidade e do número de nomes de cores necessários para tal segmentação. Por conseguinte, o uso dos nomes de cores na linguagem, bem como o valor semântico dado a cada nome de cor não foram considerados. O problema da abordagem universalista, segundo Rodríguez (1998), é justamente definir quais propriedades das línguas humanas podem ser consideradas ou não como universais, pois o que tem se encontrado são coincidências proporcionadas pela difusão cultural.

Lee (1996), em um estudo sobre a teoria do Relativismo Linguístico difundida por Whorf, afirma que, para esse autor, o que varia nas línguas não é o pensamento, mas o processamento conceitual, constatação essa que distancia dos fundamentos relativistas as críticas universalistas. Segundo o autor, se as operações conceituais sobre os dados perceptuais variam, isso significa que a experiência, que é a única realidade sobre a qual temos conhecimento, também varia, mesmo que de forma sutil. O princípio da relatividade linguística, segundo o autor, trata justamente dessas ramificações conceituais ou experienciais de uma dada fonte linguística. Em linhas gerais, tal princípio atenta para a forma como a língua media a relação entre as variações do ambiente em que habita o ser humano e as variações do processo cognitivo de tipo perceptual.

A fim de demonstrar tal relatividade e a influência do pensamento sobre a linguagem e contra-argumentar as deduções expostas por Berlin e Kay (1969), cientistas da linguagem representantes do Relativismo Linguístico também têm se valido dos nomes de cores na tentativa de comprovar que o sistema linguístico afeta a cognição e que o número e os tipos dos nomes de cores básicos de uma língua determinam a forma como o sujeito vê o espectro. Tais estudos têm abordado em sua temática o problema da arbitrariedade com a qual as línguas codificam os nomes de cores, fruto de uma relação entre língua e pensamento, língua e comportamento não verbal.

A teoria do Relativismo Linguístico considera o léxico como “uma categorização simbólica organizada, que classifica de maneira única as experiências humanas de uma cultura” (BIDERMAN, 1981, p. 133). De fato, “Arcaini (1991) relata que toda língua natural é caracterizada pelo relativismo cultural e assim cada sistema linguístico descreve de modo particular e único o universo das cores” (ZAVAGLIA, 2006b, p. 27).

A esse mesmo respeito, Eco (1985, p. 163 *apud* MORAES FILHO, 1995, p. 65) pronuncia ainda que:

Quando um indivíduo profere o nome de uma cor, ele não está apontando diretamente para um estado do mundo (processo de referência), mas ao contrário, ele está correlacionando esse termo a uma unidade ou a um conceito cultural. Essa articulação do termo é determinada, obviamente por uma dada sensação, mas a transformação dos estímulos sensoriais em um objeto da percepção é, do mesmo modo, determinada pela relação semiótica entre a expressão linguística e o significado ou conteúdo culturalmente correlacionado com ele (ECO, 1985, p. 163 *apud* MORAES FILHO, 1995, p. 65).

A partir do momento em que acreditamos que cada universo linguístico possui uma maneira inerente de decodificar e delimitar as concepções do mundo, o domínio das cores é representado de acordo com as idiossincrasias de cada cultura, ou seja, conotativa e subjetivamente. Desse modo, a percepção das cores será representada linguisticamente de forma distinta de uma cultura para outra.

As línguas românicas ilustram a magnificência do repertório léxico-cromático, a partir do momento em que somos incitados a observar a capacidade criadora em expressões idiomáticas, provérbios, sintagmas nominais, verbais, preposicionados. Seus paradigmas se interpenetram no léxico e na sociedade, em uma ciranda criativa e neológica da língua. No entanto, cada sistema linguístico possui olhar cromático singular, o que leva cada cultura a se distinguir umas das outras.

Por meio de uma análise comparativa entre as línguas italiana e francesa, Arcaini (1991) defende a influência das características sócio-históricas e culturais de um povo no emprego linguístico dos nomes de cores. Para o autor, há a necessidade de analisarmos o uso simbólico da cor ao longo da história, sincrônica e diacronicamente. Para além da análise da relação entre percepção e denominação, há a necessidade de se observar o dinamismo inerente à língua. Argumenta inclusive que o estudo das cores deve priorizar as propriedades estabelecidas entre os nomes de cores e as linguagens naturais e como essas propriedades são usadas e compreendidas pelos falantes.

Fresu (2006) complementa a fala de Arcaini (1991), na medida em que reitera a importância de se considerar as implicações dos valores culturais e simbólicos para a construção de estruturas linguísticas formadas por nomes de cores e utilizadas na nomeação ou descrição da realidade de uma dada cultura.

Nesse sentido, Jorge *et al.* (2003, p. 127) acrescentam:

As cores geram interfaces com outras áreas da língua-cultura e são o lugar propício para a interdisciplinaridade, tanto numa perspectiva sincrónica como diacrónica. A riqueza do léxico cromático é o resultado de um olhar plural e multifacetado, onde se mistura a subjectividade, a afectividade e a estética. As cores não correspondem a elementos estanques, antes realçam o dinamismo e a criatividade de uma língua-cultura, sendo, deste modo, objectos dinâmicos no próprio processo tradutológico.

É nesse conjunto imenso de unidades lexicais, cujas divergências linguístico-semânticas são inerentes e formadoras de culturas e comunidades de fala, que se inserem os itens lexicais cromáticos como microssistemas linguísticos singulares repletos de significação e riqueza sintático-semântico-pragmática.

As implicações contextuais na comunicação entre culturas

Schogt (1992), numa reflexão sobre problemas filosóficos e epistemológicos da relação entre língua, pensamento e o mundo extralinguístico, explana que a suposição de que línguas diferentes delineiam realidades diferentes insinua que a comunicação entre dois povos que não compartilham da mesma língua seria impossível, inclusive se um deles aprendeu a língua do outro. Isso porque, segundo o autor, até mesmo quem aprendeu uma segunda língua permanece preso aos valores do sistema da sua língua materna. Não obstante, o mesmo autor releva a dificuldade de negar tal suposição por completo, pois é de comum acordo que cada língua se concentre em alguns elementos do mundo extralinguístico, criando noções abstratas que outras línguas talvez não percebam ou não sejam de igual relevância.

Nesse sentido, se por um lado é possível afirmar que cada cultura tem uma cosmovisão que lhe é própria e que está diretamente relacionada à sua história, é equivocado e até mesmo exagerado cogitar a impossibilidade da tradução. Por outro lado, a suposição da existência de rótulos que possam ser automaticamente transponíveis de uma língua para outra também é ingênua.

O processo tradutório, portanto, passa a ser entendido como um diálogo entre culturas que exige a compenetração dialógica na cultura alheia, sem que para tanto o tradutor renuncie às peculiaridades da sua própria cultura. Toda tradução é, segundo Hurtado Albir (2011), um ato comunicativo complexo realizado em espaços comunicativos diferentes e influenciado por variáveis também diferentes.

O *contexto* assume papel fundamental nesse processo, pois, assim como qualquer texto, a tradução é uma unidade linguística que se desenvolve dentro de um quadro social, que está situada dentro de um contexto e que cumpre uma determinada função. Assim, o cenário, o entorno sociocultural e os conhecimentos prévios devem ser analisados concomitantemente para que a interação social possa ser estabelecida.

Consideramos que o contexto sociocognitivo seja crucial para que duas ou mais pessoas possam compreender-se mutuamente, ou seja, seus contextos cognitivos devem ser, pelo menos, parcialmente semelhantes para que haja entendimento intersubjetivo. Seus conhecimentos linguístico, enciclopédico, episódico, procedimental, macro e superestrutural ou esquemático e interacional devem, em parte, ser compartilhados. Desta feita, o contexto cognitivo engloba os demais tipos de conhecimento e será o ponto de partida para o trabalho em tela.

O enfoque dado ao contexto sociocognitivo no qual o leitor está inserido privilegia o papel extratextual na interpretação, assim como a abordagem de Stanley Fish, que enfoca tal questão como resultante de processos ideológicos e de autoridade institucional. Para Fish (1980, p. 342), os significados não estão presentes no texto, mas são construídos pela “comunidade interpretativa” que atribui aos significados uma ou outra interpretação, porém, sendo esta sempre unívoca, como num sistema de convenções. Dessa forma, se estabelece um consenso com relação à interpretação dos termos ou frases. Há uma mudança na forma de interpretar os significados que não implica somente no emissor, gerador do significado, ou no interlocutor, foco da recepção do significado.

Fish tampouco atribui ao texto a característica inerente de gerador de significados estáveis, como assinalam as abordagens estruturalistas focalizadas no texto, mas insiste no fato de os indivíduos compartilharem normas ou princípios que podem ou não ser aceitos dentro de uma comunidade inserida em um dado contexto sociocultural. Dessa forma, é a comunidade interpretativa que lê o texto em seu contexto específico e que possibilita e aceita que possam se estabelecer como equivalências tradutórias determinadas frases utilizadas em diferentes contextos/culturas.

A importância de se conhecer e reconhecer a informação do outro é inquestionável. Quando a interação é feita em língua estrangeira, entre falantes de línguas maternas diferentes que trocam informações relacionadas às suas próprias culturas, espera-se que as representações expressas nas línguas maternas possam ser traduzidas e, portanto, passíveis de serem compreendidas em língua estrangeira. Koch (1997, p. 43) afirma que: “A informação é relevante para alguém quando interage, de certa forma, com as suposições prévias sobre o mundo, quando tem efeitos contextuais em dado contexto que lhe é acessível”. Logo, se o contexto não for acessível para os pares, a viabilidade da comunicação prejudica-se. Porém, é possível localizar o outro com relação a contextos que não lhe são familiares pelos expedientes languageiros e linguísticos que o ser humano tem a sua disposição. Assim, é possível praticar a diferença intersubjetiva por aquilo que temos em comum, a linguagem, e por aquilo que temos de diferente, ou seja, as diversas línguas e culturas.

Nesse sentido, o universo das cores, objeto de análise deste trabalho, mostra-se como um campo de reflexão privilegiado, uma vez que coloca em pauta as singularidades de cada complexo de língua e cultura e, ao mesmo tempo, permite a explicitação da diferença intersubjetiva, intercultural e interlinguística, nesse caso demonstrada pelas (não) equivalências entre as línguas portuguesa, italiana e inglesa, que é o complemento dado por cada língua àquilo que falta às outras (BENJAMIN, 1971).

A metáfora na criação das expressões cromáticas fraseológicas e paremiológicas

De acordo com Arcaini (1991), a análise comparativa do vocabulário das cores requer a observação do âmbito semântico/metafórico, visto que é nesse nível em que as diferenças são mais evidentes. De fato, cada cultura é dotada de uma arbitrariedade semântica na descrição da realidade que a difere das demais, organizando de forma particular seu universo lexical. O mesmo se dá com as cores. Cada cultura vivencia de um determinado modo as experiências cromáticas e é com base nessa vivência que atribuímos valores a elas.

É desse modo, isto é, com base na percepção do falante a respeito dos fatos cotidianos, que são construídas as expressões cromáticas, formas linguísticas (sintagmas nominais, preposicionais, verbais, unidades fraseológicas e paremiológicas) que refletem em sua estrutura sentimentos, emoções, reações físicas e psicológicas ou até mesmo uma moral ou regra social.

No que tange especificamente às unidades fraseológicas e paremiológicas, podemos dizer que dentre suas características, tais como a estabilidade formal e semântica, a

coocorrência de seus elementos integrantes, a frequência de uso, a convencionalidade e a idiomaticidade, esta última recebe especial atenção neste estudo.

Resumidamente, a idiomaticidade é constatada quando o significado total não é compreendido pela simples soma dos significados de seus componentes lexicais. Antes, é figurado, geralmente refletindo as metáforas presentes no cotidiano e expressando o conhecimento baseado na cultura (ÁLVAREZ, 2012).

Nesse contexto, é reservado um papel especial à metáfora, um mecanismo da linguagem essencial para a compreensão de muitos aspectos da conceituação de experiências do nosso dia a dia e que caracteriza a criatividade dos falantes de uma língua, os quais a usam naturalmente, sem esforço, quando falam de assuntos cotidianos.

De acordo com Lakoff e Johnson (2007), a metáfora, assim como outros fenômenos semânticos, estabelece uma relação intrínseca com a cultura de um povo, uma vez que o próprio sistema conceitual é culturalmente fundamentado. Destarte, a metáfora é fundada em modelos convencionais organizados em relações sistemáticas e colabora para a categorização e compreensão das experiências.

Segundo os autores, a metáfora desenvolve-se em dois níveis: o conceitual e o linguístico. O primeiro considera a metáfora como uma relação que está baseada na correspondência entre dois conceitos (domínio fonte e domínio alvo, sendo o primeiro mais físico e o segundo, mais abstrato), por exemplo, *argumento é guerra*. Já o segundo, é a expressão linguística de uma metáfora conceitual. O domínio fonte e o domínio alvo são ligados por uma projeção metafórica, uma correlação estrutural entre eles. Partindo-se do exemplo anterior, *argumento é guerra*, temos como expressões metafóricas *atacar um argumento*, *defender um argumento*.

Nesse mesmo sentido, Kövecses (2010) salienta que as metáforas podem ser classificadas em níveis de convencionalidade que representam a sua consolidação pela sociedade que as emprega, por meio das manifestações linguística e conceitual das mesmas. Esse autor argumenta que a metáfora conceitual está fixada na mente do falante na compreensão de determinado domínio e, por isso, pertence ao nível genérico. Contrariamente, a metáfora linguística está cristalizada na língua da comunidade em que tal falante se insere, por isso seu uso é tão natural e imperceptível aos falantes.

Concernente às relações entre tal fenômeno da linguagem e a cultura de um povo, Lakoff e Johnson (2007) salientam que o nosso sistema conceitual é culturalmente fundamentado, já que toda experiência envolve pressuposições culturais, estas últimas direcionando a primeira. Destarte, adiciona Taki (2011), as metáforas refletem as ideias em

um sistema conceitual, o que explica que vários modelos culturais sejam explicados por metáforas.

Entretanto, no estudo comparativo entre línguas, observa Kövecses (2005; 2010), podem ser observadas diferenças e semelhanças na construção dos domínios metafóricos por sociedades distintas e, conseqüentemente, na representação linguística da realidade. As semelhanças advêm, segundo o autor, do compartilhamento da estrutura metafórica por diferentes culturas por coincidência, por meio de transmissão de conhecimento e de propriedades universais relacionadas ao corpo humano. As diferenças, em contrapartida, derivam, em primeiro lugar, de alguns princípios que direcionam os conceitos-chave e que variam de cultura para cultura; em segundo, de formas linguísticas distintas para se expressar a mesma metáfora conceitual.

Assim, ainda com base no exemplo *argumento é guerra*, Taki (2011) explana que estamos diante de dois domínios: *argumento*, ou uma *luta verbal*, e *guerra*, ou uma *luta física*, ambos remetendo ao conhecimento genérico advindo da experiência de uma dada cultura de que *luta é* a conexão entre esses dois domínios. Portanto, se uma cultura não entende o conceito de *argumento* como uma forma de impor seus ideais, como uma forma de luta, também não existirá a metáfora conceitual *argumento é guerra*.

Se, por um lado, são constatadas variações interlinguísticas, por outro, elas também podem ocorrer até dentro de uma mesma cultura, de indivíduo para indivíduo, variações estas que dependem também de fatores sociais e temporais. Ademais, admite-se a metáfora como integrante não apenas da linguagem poética ou da retórica, como bem ressaltam Lima *et al.* (2008), mas também os mais variados gêneros discursivos que permeiam nossa interação verbal, estruturando nosso pensamento e consagrando linguisticamente a nossa experiência.

Todas essas possibilidades, isto é, as variações dentro de uma mesma cultura e também o contato entre culturas e conseqüentes influências linguísticas e culturais, fazem com que tais fenômenos se modifiquem. Mais ainda, fazem com que novas metáforas sejam criadas e, por sua vez, novas expressões surjam, caracterizando, assim, as mudanças e a vivacidade da língua.

Simetrias cromáticas entre as línguas

Antes de nos adentrarmos especificamente em casos de não equivalência linguística entre expressões contextualmente marcadas, achamos por bem esboçarmos alguns sintagmas e

fraseologismos que mantêm graus de simetria entre as línguas, em diversos subconjuntos. Assim, vejamos:

(a) Para nomes de plantas e animais de ampla distribuição geográfica, ou seja, a realidade concreta e objetiva, o isomorfismo e a simetria linguística entre as línguas são bastante elevados e presentes:

Quadro 1 – Exemplo de isomorfismo e simetria linguística em nomes de plantas e animais

Italiano ⁴	Português	Inglês
Alge verdi: <i>Le alge verdi sono un gruppo abbastanza eterogeneo di alge con cellule di tipo eucariotico.</i>	Algas verdes: <i>Alguns gêneros de algas verdes também ocorrem no mar e poucos gêneros de algas vermelhas e pardas ocorrem em água doce.</i>	Green algae: <i>Most chlorophytes are aquatic, but some green algae can live on the surface of snow, on tree trunks, in soils, or symbiotically with protozoans, hydras or lichen-forming fungi.</i>
Delfino rosa: <i>Entrambi i mammiferi acquatici sono in via di estinzione, così come il caimano negro e il delfino rosa.</i>	Boto cor-de-rosa: <i>O boto cor-de-rosa está ameaçado de extinção no Brasil.</i>	Pink dolphin: <i>The pink dolphin has a large forehead, which holds all the echolocation organs.</i>

(b) Para expressões da realidade cultural com abrangência e interesses mundiais, o isomorfismo e a simetria linguística entre as línguas nos universos trabalhados são totais:

Quadro 2 – Exemplo de isomorfismo e simetria linguística em expressões culturais

Italiano	Português	Inglês
Zona blu: <i>Attenzione però, è Zona Blu. Parcheggio a pagamento. Non conosci il prezzo che ti toccherà pagare, ma hai una certezza: un giorno il conto ti sarà presentato.</i>	Zona azul: <i>A zona azul tem por objetivo delimitar as vagas em ruas e avenidas movimentadas. Assim, haverá maior rotatividade de carros e mais vagas de estacionamento.</i>	Blue zone: <i>The Blue Zone is designated by signs or by a blue curb or by a combination of both.</i>
Rivoluzione blu: <i>[...] la Rivoluzione Blu dovrebbe essere lanciata facendo in modo che l'uso dell'acqua diventi interesse di tutti: l'obiettivo di tale rivoluzione dovrebbe essere quello di massimizzare la produzione di cibo e la creazione di posti di lavoro per volume unitario d'acqua utilizzata.</i>	Revolução azul: <i>[...] surge a revolução azul, que se refere à exploração sustentável do enorme potencial dos ambientes aquáticos para produzir uma das proteínas mais apreciadas do universo, a do pescado, e, [...].</i>	Blue revolution: <i>Dr. Ian Makin, director of International Water Management Institute in Southeast Asia underscored the need to adopt Blue Revolution in agriculture, a strategy that focuses on increasing productivity per unit of water [...].</i>
Canale blu: <i>Utilizzate il canale blu se viaggiate provenendo da un paese UE senza alcun bene proibito o soggetto a restrizioni e non avete tabacchi oltre il limite permesso dal paese di origine [...].</i>	Canal azul: <i>No canal azul não há fiscalização documental ou física da carga, pois as empresas gozam de uma situação privilegiada, dada sua idoneidade.</i>	Blue channel: <i>Choose the red channel when you are bringing along goods which are subject to customs clearance or declaration. Otherwise, choose the green channel or, when arriving from another EU Member State, choose the blue channel.</i>

⁴ Direção do DMC: do italiano para o português.

(c) Para expressões que denominam substâncias e pigmentos, existem simetrias em todos os universos linguísticos trabalhados:

Quadro 3 – Exemplo de isomorfismo e simetria linguística em expressões denominativas de substâncias e pigmentos

Italiano	Português	Inglês
Arancio di Cromo: 056 <i>Arancio di cromo. Resistenza media Colore Opaco gr. 2. 060 Arancio di Marte. Alta Resistenza Colore Opaco gr. 2.</i>	Alaranjado de cromo: [...] <i>Tinta óleo nas cores: branco de titânio, verde Paul veronese, alaranjado de cromo e amarelo cromo escuro.</i>	Chrome orange: <i>Chrome orange is used in machinery finishes, such as farm equipment and trucks.</i>

(d) Para expressões que denominam minerais também existem simetrias em todos os universos linguísticos trabalhados:

Quadro 4 – Exemplo de isomorfismo e simetria linguística em expressões denominativas de minerais

Italiano	Português	Inglês
Agata blu: <i>L' Agata Blu che si trova in commercio con questo nome è generalmente una pietra con colorazione non naturale.</i>	Ágata azul: <i>A Ágata-Azul é especialmente apropriada nos casos de ferimentos por queimaduras e das feridas na pele.</i>	Blue agate: <i>Blue agate is noteworthy for its incredible color and its luminescence.</i>

(e) As simetrias também são constatadas em expressões construídas a partir de metáforas baseadas no funcionamento do corpo e do cérebro.

Quadro 5 – Exemplo de isomorfismo e simetria linguística entre as expressões idiomáticas baseadas no funcionamento do corpo e do cérebro

Italiano	Português	Inglês
Vedere rosso: <i>Questa breve conversazione ha il potere di farmi vedere rosso. Rosso di rabbia, naturalmente, perché presuppone una superficialità di informazione da parte di chi raccoglie l'informazione, che da parte di chi la da.</i>	Ver tudo vermelho: <i>Significa que quando estamos com raiva, podemos ver tudo vermelho. Quando acessamos um estado de ciúme, é a cor verde que colore as nossas percepções e memórias.</i>	To see red: <i>Her rude behaviour made me see red.</i>

(f) Nos casos em que há a semelhança entre os domínios utilizados para a construção da expressão metafórica também verificamos a simetria entre as expressões linguísticas nos campos em estudo:

Quadro 6 – Exemplo de isomorfismo e simetria linguística entre as expressões idiomáticas construídas a partir de domínios semelhantes

Falta de dinheiro – cor (vermelho)		
Italiano	Português	Inglês
Uscire dal rosso: <i>Per uscire dal rosso nei mesi a partire dal prossimo aprile Hitachi intensificherà la ristrutturazione in atto, tagliando il personale e riducendo i costi di 200 miliardi di yen.</i>	Sair do vermelho: <i>Dicas de como sair do vermelho. Cortando despesas – administrando melhor o seu dinheiro.</i>	To get out of the red: <i>Many banks charge a fee for each bounced check, which makes it even more difficult for the student to get out of the red.</i>

Dissimetrias cromáticas entre as línguas

O não isomorfismo cromático entre as línguas é existente e marcante nos casos em que:

(g) A realidade sociocultural do país é singular e os fatos históricos que ocorreram e se desenvolveram nele também. Em alguns casos, opta-se pelo empréstimo da expressão nas línguas de chegada. Para os casos em que há a ausência de correspondentes, optamos pela inserção no dicionário de uma expressão explicativa:

Quadro 7 – Exemplo de não isomorfismo e dissimetria linguística em expressões culturalmente marcadas do italiano para o português

Italiano	Português	Inglês
Camice azzurre: <i>Fine del duello, le camicie azzurre battono in ritirata senza insistere di più.</i>	Nacionalistas italianos: ∅	Blue-shirts: <i>1923 Feb 26, Italian nationalist blue-shirts merged with the fascist black-shirts.</i>
Telefono azzurro: <i>Si pone l'obiettivo di costruire una società civile che rispetti i diritti dei bambini.</i>	Serviço telefônico em defesa de crianças: ∅	Telefono azzurro: <i>Telefono Azzurro was formed in 1987 and offers a free national help line for children and adolescents who are victims of physical and psychological abuse and additionally to those seeking advice concerning family matters.</i>
Telefono verde: <i>E' questo l'identikit dell'italiano che più di frequente si rivolge al Telefono Verde dell'ISS (800-861061), un servizio anonimo e gratuito a disposizione da più di 17 anni per quanti vogliono saperne di più sulla malattia infettiva del secolo: l'AIDS.</i>	Número de telefone destinado ao serviço social: ∅	Phone number for social services: ∅

(h) As expressões idiomáticas são inerentes à cultura de partida. Diante da ausência de correspondentes, optou-se pela inserção no dicionário de uma expressão explicativa:

Quadro 8 – Exemplo de não isomorfismo e dissimetria linguística em expressões culturalmente marcadas do português para o italiano

Português ⁵	Italiano	Inglês
Estar azul de saudade: <i>Oi Romas, que saudade amigo, estou azul de saudades de você e de toda a nossa curtição[...]</i>	Sentire la mancanza di qualcuno: ∅	To miss someone: ∅
Estar com a mosca azul: <i>Será que esses cientistas acertaram mesmo na mosca ou eles estão com a mosca azul? Para quem estiver deslumbrado, informa-se que estar "com a mosca azul" é estar tentando a fama e a glória ou aspirar a posto elevado.</i>	Desiderare fama e gloria: ∅	To wish fame and glory: ∅
Estar amarelo de: <i>Igor está amarelo de ver os alunos dizerem sempre a mesma coisa: "não tivemos tempo!"</i>	Essere stanco di: ∅	To be fed up with: ∅

(i) Os produtos são característicos da língua de partida:

Quadro 9 – Exemplo de não isomorfismo e dissimetria linguística em expressões que representam produtos típicos do país do português para o italiano

Português ⁶	Italiano	Inglês
Azuladinha: <i>Paraty é sinônimo de pinga, afinal a fama de boa qualidade da sua pinga já rodou o mundo e foi premiada internacionalmente por conta da azuladinha [...]</i>	Aquavite: ∅	Sugar cane aguardente; cachaça: ∅
Cheiro verde: <i>Verificar, com a colher de pau, se o arroz está solto, acrescentando por último o cheiro-verde.</i>	Erbe usate come condimento: ∅	Herbs used as condiment: ∅

(j) Expressões resultantes de diferenças na construção dos domínios metafóricos e, conseqüentemente, na representação linguística da realidade. Tais diferenças derivam, em primeiro lugar, de alguns princípios que direcionam os conceitos-chave e que variam de cultura para cultura; em segundo, de formas linguísticas distintas para se expressar a mesma metáfora conceitual.

⁵ Direção do DMC: do português para o italiano.

⁶ Direção do DMC: do português para o italiano.

Quadro 10 – Variação cultural na representação das metáforas

Italiano ⁷	Português	Inglês
Fifa blu [avere una]: <i>Diciamocela tutta: ho una fifa blu di risalire su qualsiasi affare che abbia soltanto due ruote.</i>	Morrer de medo: <i>Eu também poderia morrer de medo de fantasma, mas só tenho medo de tubarão.</i>	To die with fear: <i>I couldn't stand it, Sir, I should die with fear, the very thought of it drives me into a cold sweat all over.</i>

(k) Para expressões construídas a partir de metáforas baseadas no funcionamento do corpo e do cérebro também foram identificadas assimetrias nos campos trabalhados entre duas ou mais línguas.

Quadro 11 – Exemplo de dissimetria linguística entre as expressões idiomáticas baseadas no funcionamento do corpo e do cérebro

Italiano	Português	Inglês
Labbra blu per il freddo [avere le]: <i>Apparve un vecchio, i baffi coperti di brina, le labbra blu per il freddo.</i>	Lábios roxos de (pelo) frio [ter]: <i>Mirou a menina que dormia serenamente ao seu lado e sorriu entre os lábios roxos de frio, acariciou seus longos cabelos.</i>	Lips blue with cold [to have]: <i>A woman from Dallas fell in beside me, her hair matted with rain and sweat, her lips blue with cold.</i>
Giallo dalla/d'invidia [farsi; diventare]: <i>[...] fino a quando gli durava il vino, un colorito rubizzo ed un'espressione di soddisfazione, ben diversa da quella dei suoi compaesani dura e gialla d'invidia.</i>	Vermelho de inveja [estar; ficar]: <i>é um dos poucos que tem tudo para não estar no buraco: tem marca mundialmente conhecida e torcida de tamanho capaz de deixar muito rival vermelho de inveja.</i>	Green with envy [to turn]: <i>He turned green with envy when he saw Tom's new car.</i>
Giallo come um limone [farsi, diventare]: <i>L'impiegato appena ci scorse, tergiversò, iniziò a balbettare e si fece giallo come un limone.</i>	Branco como cera [estar]: <i>O garoto estava lívido, branco como cera de vela de defunto, exigindo silêncio de todos nós, enquanto seus olhos tentavam penetrar naquele imenso negrume [...].</i>	As white as sheet; as white as a ghost [to be]: <i>If someone is very pale, either because they are unwell or have been frightened we say they are as white as a ghost or as white as a sheet. For example, She was white as a ghost when she got off the roller coaster.</i>

(l) As assimetrias são constatadas ainda em casos em que há a coocorrência entre formas linguísticas derivadas de domínios cromáticos dessemelhantes e similares utilizados para a construção da expressão metafórica:

⁷ Direção do DMC: do italiano para o português.

Quadro 12 – Exemplo de simetria e assimetria linguística entre as expressões idiomáticas construídas a partir de domínios *raiva – cor*

Raiva – cor		
Italiano – amarelo	Português - roxo	Inglês - preto
Giallo dalla/di bile [farsi; diventare]: <i>Giulio Del Ponte se ne accorgeva e ne diventava giallo di bile; ma cercava un compenso nella vanità, e [...].</i>	Roxo de raiva [estar, ficar]: <i>Na pior das hipóteses, o cliente – razão de existir de todas as companhias – poderá ficar roxo de raiva por não ter recebido a informação que tanto necessitava</i>	Black in the face [to become]: <i>He became black in the face, his eyes sparkling fire, his mouth foaming.</i>
Raiva – cor (vermelho)		
Italiano	Português	Inglês
Rosso di rabbia [diventare, essere]: <i>E tutti cominciarono a ridere mentre il povero Starnutino era diventato rosso di rabbia ed era corso nella sua cameretta starnutendo.</i>	Vermelho de raiva [estar; ficar]: <i>O ideal para o usuário não ter que ficar vermelho de raiva diante de telas que parecem que nunca vão se abrir é um micro com processador de 700 Mhz e 128 [...].</i>	Red with anger [to be]: <i>Inside Cinderella Castle there is a picture of Cinderella and her evil stepsisters. One of the sisters is red with anger, the other green with envy.</i>

Assim como o explanado em Lima *et al.* (2008), as metáforas conceituais específicas surgem, em português, a partir da compreensão de que *Raiva é calor*. Quando aplicada ao funcionamento do corpo, a raiva motiva uma pressão interna ou uma agitação que, por sua vez, remete a um provável aumento de temperatura. Consequentemente, temos a metáfora *Raiva é vermelho*, pois a *raiva é um fluido em aquecimento*, lembrando, portanto, a cor vermelha, *em um recipiente*, ou seja, o corpo. Se por um lado há a proximidade entre línguas por meio da metáfora anteriormente explicitada, por outro, cada língua tem a possibilidade de perceber cromaticamente as experiências do mundo ao nosso redor de um modo peculiar e, consequentemente, representá-las com cores diferentes, como pode ser observado também no exemplo acima. É por essa razão que sustentamos a importância de se considerar o *contexto* como fator determinante na comunicação intercultural e para a compreensão das particularidades lexicais de cada cultura.

Considerações finais

Os exemplos acima mencionados ilustram o vasto universo que envolve o léxico das cores e comprovam que a cultura é o grande gerenciador da relação tradutória entre lexias complexas e fraseologismos das cores. É nela que estão expressas as implicações intersubjetivas e contextuais dos interlocutores e é dela que emanam as noções particulares sociais e políticas que constituem cada uma das línguas.

Assim, a nossa *branquinha* ou *azuladinha* tem o seu lugar em nossa cultura em meio a outras bebidas que não são brancas, mas amareladas (cerveja, uísque), e também mantém sua dominação sobre outras que têm a mesma coloração (vodca, por exemplo), mas não são nacionais. Cada uma das outras línguas incorpora essa questão de acordo com sua própria cultura.

A *arte bianca*, em italiano, que representa o trabalho dos padeiros, como a arte de fazer pães ou ornamentar outros alimentos tais como bolos e doces, não encontra cristalização em português e inglês, cujas traduções foram sugeridas como *arte de padeiro* e *baker's art* ou *bread making*, respectivamente. Por outro lado, para a expressão *cooperative bianche*, que significa *organizações sociais de inspiração cristã*, não encontramos correspondente em português, cuja sugestão tradutória é *organizações sociais cristãs*, mas para o inglês sim: *white (catholic) co-operatives*.

Há ainda casos em que, de uma língua para a outra, a expressão cromática é representada com nomes de cores diferentes, tais como: *di punto in bianco*, que em italiano significa *de repente*, ou seja, *uma mudança brusca em certas ocasiões* e em inglês é *out of the blue*, ou seja, a expressão existe, com o mesmo significado, é cromática, mas, desta vez, com o cromônimo *blue*. Já para o português, não há o uso dele, ao contrário, sua tradução pode ser *de uma hora para outra*, embora exista *de ponto em branco*, mas com o significado de *com esmero, cuidado*. De fato, *vestido de ponto em branco*, em italiano é *vestito di tutto punto*.

Por fim, enfatizamos que a ausência de uma tradução marcada cromaticamente pode gerar situações inusitadas. Um exemplo é a falta de correspondência semântica entre línguas dos subdomínios cromáticos, como no caso de uma tentativa de tradução da unidade lexical *azul de saudade* para a língua inglesa, cuja cor não denota intensidade, mas sim tristeza. Outro exemplo diz respeito à falta de correspondência terminológica para a classificação de medicamentos. No Brasil, o sintagma nominal *tarja preta* restringe a venda desses produtos, na medida em que é exigida a prescrição médica. Na grande maioria dos países, ao contrário, os remédios em geral só podem ser vendidos diante de receita médica, independentemente da presença (ou não) da cor da tarja.

Além disso, devido às linhas limítrofes próprias de cada cultura, a cor usada para designar determinado evento ou objeto pode ser diversa, como no caso de *imprensa marrom*, que em inglês e italiano situam-se no subdomínio cromático *amarelo*. Desse modo, dizer que a cor amarela designa, ao lado de imprensa, em italiano e inglês, o mesmo que a cor marrom em português seria o mesmo que voltar à década de 50 e compartilhar, com os estudiosos da tradução da época, o conceito tradicional de tradução como transporte de significados. Hoje,

após os desenvolvimentos da área, desde a Ciência da Tradução, passando pela Tradutologia, até aos Translation Studies (NEERGARD, 1995), é possível dizer que, de uma cultura para outra, não há equivalências linguísticas, mas equivalências languageiras, ou seja, no nível das línguas nada é igual; no nível da linguagem, porém, é possível trabalhar a diferença em contexto. A expressão *imprensa marrom*, assim como *stampa gialla* e *yellow journalism* serão equivalentes num nível e (não) equivalentes noutra, cada uma dizendo uma parte daquilo que não é totalmente dizível.

Dessa forma, a pluralidade linguística tem por base o seu caráter complementar, assim como cada sujeito completa-se com a sua interação mútua, concretizando a sua alteridade na identidade – talvez ilusória – de sua relação com o outro (não)equivalente.

ZAVAGLIA, Claudia; MARTINS, Sabrina de Cássia. Symmetry and dissymmetry in the linguistic representation: the case of lexical units composed of color names. **Revista do GEL**, v. 13, n. 1, p. 11-30, 2016.

Abstract: In this work, the universe of colors is discussed in relation to the singularities of each chromatic field. According to Arcaini (1991), every natural language is characterized by cultural relativity, and each linguistic system describes the color universe uniquely. To Berlin and Kay (1969), the linguistic relativity principle states that each culture possesses its own way of understanding and experiencing reality; thus, each language has its own semantic regulations in relation to all the others. Consequently, the lexicon is what human beings name from their perception of reality, which constitutes a way of categorizing knowledge. In this context of differences and similarities, the Dicionário Multilíngue de Cores (DMC) has been developed in the Universidade Estadual Paulista, campus of São José do Rio Preto as a multidisciplinary academic project, comprising Portuguese, Italian, English, French and Spanish languages. This study aims to present the symmetry and dissymmetry cases verified in the directions Italian/Portuguese/English-Portuguese/Italian/English. Data concerning culturally marked items are discussed in order to demonstrate that symmetry cases are less dependent on specific cultures, while the dissymmetry ones are culturally attached.

Keywords: Color names. Linguistic Relativism. Context. Intercultural Communication. Multilingual dictionary.

Referências

ÁLVAREZ, M. L. O. Apresentação. In. ALVAREZ, M. L. O. (Org.). **Tendências atuais na pesquisa descritiva e aplicada em fraseologia e paremiologia – Anais**. v. 1. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012. p. 12-14.

ARCAINI, E. **Analisi linguistica e traduzione**. Bologna: Patron Editore, 1991.

BENJAMIN, W. La tâche du traducteur. In: **Œuvres: mythe et violence**. Tradução e prefácio de Maurice de Gandillac. Paris: Les Lettres Nouvelles, 1971. p. 261-275.

BERLIN, B.; KAY, P. **Basic color terms: their universality and evolution**. Berkeley/Los Angeles: University of California Press, 1969.

BIDERMAN, M. T. C. A Estruturação Mental do Léxico. In: **Estudos de Filologia e Lingüística**. São Paulo: Edusp, 1981.

_____. **Teoria Linguística**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

COLSON, J.-P. Phraseology and computational corpus linguistics: from theory to a practical example. In: BOUILLON, H. (Red.). **Langues à niveaux multiples. Hommage au Professeur Jacques Lerot à l'occasion de son éméritat**. Bibliothèque des Cahiers de l'Institut de Linguistique de Louvain, 113. Louvain-la-Neuve, Peeters, 2004. p. 35-45.

FISH, S. **Is there a text in this class? The authority of interpretative communities**. Cambridge: Harvard University Press, 1980.

FRESU, R. Neologismi a colori: per una semantica dei cromonimi nella lingua italiana. **Lingua italiana d'oggi**, v. 3, p.153-179, 2006.

HURTADO ALBIR, A. **Traducción y traductología**. 5. ed. Madrid: Cátedra, 2011.

JORGE, G. *et al.* (Coord.). As cores preto no branco: uma análise comparativa. **Polifonia**. Lisboa. Edições Colibri, n. 6, p. 119-133, 2003.

KOCH, I. G. V. **O Texto e a construção do sentido**. Campinas, São Paulo: Contexto, 1997.

KÖVECSES, Z. **Metaphor: a practical introduction**. 2nd Edition. New York: Cambridge University Press, 2005.

_____. **Metaphor in Culture: universality and variation**. 2nd Edition. New York: Cambridge University Press, 2010.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metáforas de la vida cotidiana**. Tradução de Carmen González Marín. 7. ed. Madrid: Ediciones Catedra, 2007.

LEE, P. **The Whorf theory complex: a critical reconstruction**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1996.

LIMA, P. L. C.; FELTES, H. P. M.; MACEDO, A. C. P. Cognição em Metáfora: a teoria da metáfora conceitual. In: MACEDO, A. C. P.; FELTEL, H. P. M.; FARIAS, E. M. P. (Org.). **Cognição e linguística: explorando territórios, mapeamentos e percursos**. Caxias do Sul, RS: Educ; Porto Alegre: Edipucrs, 2008.

MORAES FILHO, W. B. **Uso conotativo das cores em português e em inglês**. 1995. 213 f (v.1); 262 f (v. 2). Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995.

NERGAARD, S. (Org.). **Teorie contemporanee della traduzione**. Milano: Strumenti Bompiani, 1995.

RODRÍGUEZ, A. M. Universalismo e relativismo lingüístico. **Revista Philologus**. Rio de Janeiro, v. 11, p. 27-37, 1998.

SCHOGT, H. Semantic Theory and Translation Theory. In. SCHULTE, R.; BIGUENET, J. (Ed.). **Theories of translation: an anthology of essays from Dryden to Derrida**. Chicago: The University of Chicago Press, 1992. p. 193-203.

TAKI, S. Cross-cultural communication and metaphorical competence. **International Journal of Language Studies (IJLS)**, v. 5, n. 1, p. 47-62, 2011.

WHORF, B. L. In: CARROLL, J. B. (Ed.). **Language, Thought and Reality**. Selected Writings of Benjamin Lee Whorf. New York: L, 1956.

ZAVAGLIA, C.; ARANHA, S.; ZAVAGLIA, A. Dicionário multilíngüe de nomes de cores: da nomenclatura a elaboração dos verbetes. In: **ALFAL. XIV Congresso Internacional da ALFAL - Asociación de Lingüística y Filología de América Latina**, 2005, Monterrey, México. CD Rom Volume 1 das Memorias ALFAL. XIV Congresso Internacional da ALFAL, 2005, v. 1, p. 1-8.

ZAVAGLIA, C. Dicionario Multilingue di Cromonimi: aspetti metodologici e pratici. In: **GLAT-Bertinoro. Actes de GLAT-BERTINORO, 2006**. Bretagne: ENST Bretagne, v.1, 2006a.

_____. Dicionário e Cores. **Alfa**. São Paulo, v. 50, n. 2, p. 25-41, 2006b.

_____. A prática lexicográfica multilíngüe: questões concernentes ao campo das cores. In: ISQUERDO, A. N.; ALVES, I. M. (Org.). **As ciências do léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia**. 1 ed., v. III, Campo Grande; São Paulo: Ed. UFMS; Humanitas, 2007. p. 209-222.

Submetido em 15/09/2015

Aceito em 31/10/2015